

A árvore que habita em nós: breve ensaio sobre o poema Pintura Sagrada de Márcia Kambeba

Luah Kugler

Pintura Sagrada

“A árvore me pintou”
Vermelha e preta
Minha pele ficou.

Urucum, jenipapo
Eu sou esse tronco
Que cresce sereno
Em meio à cidade.

Meu ser é do mato
Eu sou o retrato
Do povo que um dia
Nesse Brasil pisou.

“A árvore me pintou”
Grafismo de alma
De quem tem no peito
A cor do respeito
Que o branco manchou.



Márcia W. Kamb

Pintura Sagrada é um poema publicado em 2018 pela artista Márcia Wayna Kambeba em sua coletânea intitulada *Ay Kakyritama* (Eu moro na cidade), pela editora Pólen. De temática crítica, é uma compilação de poemas que à primeira vista parecem ser díspares entre si, mas é no desenvolver da lírica da obra que se entrelaçam as raízes de sua origem com o concreto da cidade. Kambeba empresta memórias ao seu eu-lírico que há muito foram esquecidas entre os seus, e desconhecidas por outros. Escreve sobre diferentes vivências nas terras do seu povo, Omaguá/Kambeba, e a vida no grande centro da cidade de Belém do Pará, que são tão rígidas e belas quanto qualquer escrita da natureza, mas também espirituosas e bem povoadas.

Em versos com rimas externas alternadas, Kambeba utiliza personificação e metáfora em *Pintura Sagrada* para ilustrar sua relação e conexão com sua terra e seu povo. Na primeira estrofe do poema “A árvore me pintou’ / Vermelha e preta/ Minha pele ficou.”, a autora opta por iniciar o verso

emprestando uma habilidade humana para a árvore. O eu-lírico recebe a “marca” da floresta, como afirma posteriormente em outro verso, o “grafismo de alma” que demonstra o vínculo do povo indígena com sua terra e cultura. Este verso personificado, “A árvore me pintou”, é repetido mais uma vez no poema, o que enfatiza essa conexão dos Omágua/Kambeba com seus ancestrais, com sua terra.

Outro exemplo de personificação encontra-se na segunda estrofe do poema. Nos versos “Eu sou esse tronco/ Que cresce sereno/ Em meio à cidade.”, a poeta emprega uma qualidade humana ao tronco, expressa em uma forma que denota a força e resiliência do eu-lírico do poema, que cresce pacato em meio à agitação urbana. Essa imagem reforça a conexão do povo com sua terra, independente do meio qual habitam.

Ainda na segunda estrofe, no verso “Eu sou esse tronco” há também a presença de uma metáfora, ao se assumir tronco, o eu lírico atribui as qualidades de uma árvore para si, de força e resiliência, como mencionado anteriormente. Os significados desses dispositivos poéticos utilizados por Kambeba são reforçados pelos recursos imagéticos do poema. Como nos versos “Vermelha e preta/ Minha pele ficou.”, “Grafismo de alma/ De quem tem no peito/ A cor do respeito/ Que o branco manchou.”, há um paralelo direto entre as cores da pele (vermelho, preto, cor do respeito) com a cor do solo no qual se erguem as árvores, símbolos do seu povo, o que novamente chama a atenção para a conexão do eu-lírico com sua terra.

Além da análise estrutural, é possível voltar um olhar da ecocrítica para *Pintura Sagrada*, um olhar que considera o lugar e o contexto dessa escrita em uma perspectiva comprometida com o meio ambiente. Kambeba compõe o que pode ser chamado de “ecopoética”, conectando tópicos da poesia da natureza com a estrutura dos versos literários em uma preocupação e engajamento ambiental. Este modo de criar e compreender a poesia está expandindo as ideias sobre a própria natureza e do que constitui a escrita ambiental. Autores que exploram a ecopoética devem se questionar como as mudanças climáticas afetam a poética.

A compreensão contemporânea da ecopoética leva em consideração as maneiras pelas quais o pensamento centrado no ser humano reflete e é refletido no que é escrito. A ecopoética também questiona a eficácia de valorizar uma

forma de vida em detrimento de outra, porque narrativas sobre lugar e sobre a vida contribuem para a orientação e interpretação desse lugar e dessa vida. Além de aproximar a linguagem poética dos povos de margens, retirando-a do restrito meio acadêmico, como afirma John Elder em *Ecopoetry*:

Uma das maiores vantagens de uma abordagem ecológica da poesia pode ser, de fato, que ela nos liberta da turbulência da cultura acadêmica predominante. Às vezes, o discurso acadêmico pode parecer uma conversa condenada a ser conduzida em repreensões e, portanto, ter perspectivas limitadas de compreensão e crescimento mútuos. (ELDER, apud BRYSON 2000, p. 12)

Toda vida animal e vegetal está em posições precárias no planeta neste momento da história, e autores atentos trabalham para articular por que isso acontece. Kambeba denuncia a herança do colonialismo no Brasil, a exploração dos seus, os roubos de suas terras e a falta de repercussão e respeito da sua cultura em um país que é terra de indígenas muito antes do europeu sonhar com novas colônias de exploração. Sua denúncia é sutil, ela a faz com métricas e imagens que guiam o imaginário do leitor alimentando-o com informações e dando ainda mais peso à sua reivindicação pela terra de seus ancestrais.

A história dos indígenas brasileiros influencia fortemente a sua capacidade e desejo de escrever sobre uma conexão idealizada, extasiada com o mundo natural. A história das divisões humanas costuma ser constituída de histórias sobre um grupo de pessoas hostil à presença de outras. Uma ideologia que exigiria a exclusão ou subjugação de populações inteiras de seres humanos é uma ideologia rápida em assumir posições de superioridade sobre tudo o que é percebido como diferente. Se é possível construir uma narrativa ou versos que transformem um humano em uma fera para justificar a degradação daquele humano, quão mais fácil deve ser descartar as necessidades de um animal, de uma árvore ou de toda fauna e flora de um local?

O valor que a maioria dos humanos confere às vidas que não são as suas, se refletem nas histórias que eles contam para os seus, e em quais aspectos dessas histórias ressoam entre seus semelhantes. Os humanos vivem em comunidade com todas as outras vidas na Terra, quer reconheça isso, ou não. Quando escrevem sobre suas vidas, deveriam fazê-lo com consciência das outras vidas que encontram ao mover-se pelo mundo. Márcia Kambeba escolheu

honrar essas vidas com atenção e compaixão, escrevendo com um olhar empático em relação ao mundo natural. E assim, muitos dos poemas da coletânea *Ay Kakyritama* são exemplos dessa escrita ambiental, da eco-poética como em *Pintura Sagrada*, no qual mistura sua visão de paisagens urbanas e vegetal, entrelaçando suas vivências e reivindicando o lugar de direito do seu povo por meio do “Grafismo de alma/ De quem tem no peito/ A cor do respeito/ Que o branco manchou.”

Referências:

BRYSON, J. Scott. *Ecopoetry – A critical introduction*. Utah: The University of Utah Press, 2002.

KAMBEBA, Márcia W. *Ay Kakyritama: eu moro na cidade*. São Paulo: Pólen, 2018.